

propensão para a vida simples e independente, no seio dos campos vastos, de envolta com um temperamento eivado de forte dose de sentimentalismo e algo de tristeza e retrahimento, não sendo de esquecer a despreoccupada indifferença do *gaúcho* rustico pela previdencia de seu futuro bem estar material.

Quem convive e estuda ou priva com o civilizado *gaúcho* de nossos dias poderá evocar o velho dito latino do *quantum distat ab illo*... Pois, é facto que, em seus primeiros tempos, o nome de *gaúcho* "era synonymo ou de vagabundo ou malfetor" (escreve o referido Bauzá, em sua cit. *Historia de la dominacion hespañola*); "ao depois, fez-se extensivo aos que vagueavam sem occupação fixa, providos de uma guitarra, entoando cópilas alheias ou proprias, e aos que sobreshiam nas pendencias e na galanteria rustica das *campinas*". Mas, no decurso de um seculo e tanto, o *gaúcho* (remata Teschauer, no segundo volume de sua *Historia*) "soube se elevar a uma estimada posição na sociedade rio-grandense", de sorte que esta começou a gabar-se de taes cavalleiros, que na guerra do Paraguay (sob o commando invicto de Osorio e Andrade Neves, notadamente) e, em outras acções bellicas, prestaram tantos serviços á defesa da Pátria e praticaram tantas façannes que enegaram a se cobrir a si mesmos e a toda a sua terra natal de gloria immorredoura, a tal ponto que passou este nome tradicional a designar ao proprio Rio Grande do Sul e a seus dignos filhos, justamente orgulhosos do appellido regional — *Gaúchos*". (*)

Bello Horizonte (Minas Geraes), 14 de Janeiro de 1928.

Prof. Nelson de Senna

(*) Este nosso estudo sobre as origens e significação da palavra *gaúcho* foi publicado simultaneamente, em fins de Janeiro de 1928, nos jornaes O PAIZ (do Rio de Janeiro) e A FEDERAÇÃO (n. 27 da edição de 31 de Janeiro, desse d'ario porto-negrense), donde alguns periodicos e publicações da Republica Oriental o transcreveram. E, em julho de 1933, nelle inspirado, o publicista uruguayo dr. Buenaventura Caviglia (filho) deu á estampa o seu apreciado opusculo: "Gau'cho (de Garrucho, portador de garrucha — garrucha)", impresso em Montevideo, typ. de "El Siglo Ilustrado" (92 pags.).

Ethnographia Brasileira

Os Indios "Charrúas" do Sul
(Breve Estudo Ethnographico)

(Capitulo extrahido da 3.ª edição, em preparo, do conhecido livro — "Os Indios do Brasil", cuja 1.ª edição seu Autor, o dr. Nelson de Senna, fez aqui apparecer, nesta Revista do Archivo Publico Mineiro, em 1905).

Charrúas — Indios tambem ditos *Charruáns*, *Charruános*, *Charruêtros* e *Charruécas*, sendo outróra tambem usada a graphia *Xarrúas*. A prosodia *Charruás* ficou para a região amazonica, onde houve o gentio *Charruá* (alcunha tupi desse selvagem dos "olhos muito salientes" no rosto). O nome indigena sul-americano *Charrúa*, designativo de um povo selvagem de origem *Pampeana*, na região do extremo Sul do Brasil e nas convizinhas terras platenses, nada tem que vêr com o termo portuguez homonymo (um gallicismo derivado do francez *Charrue*, especie de arado com uma só aivéca e usado pelos agricultores para lavrarem o sólo); e em nosso paiz aquelle americanismo *Charruá* (pronunciado *xarrúa*) ficou conservado na linguagem popular, mesmo depois de extinto o referido gentio no territorio *gaúcho*.

Como nome local riograndense, ha uma fazenda ou estancia — *Charrúa* — no municipio de Uruguayana; e alli no extremo Sul se conhece uma ave de campo pelo mesmo nome vulgar de "*charrúa*". Na flora sylvestre do Brasil, é tambem conhecida uma planta medicinal a que o povo dá os nomes de "*Herva-charrúa*", "*herva-charrúana*" ou "*herva-charrueira*", sendo igualmente distinguidas as variedades do mesmo vegetal: "*charrúa-miúda*", "*charruêira*" e "*charruinha*". O "brasileirismo" regional paulista — *charróa* — designa um remate de trança de couro para chicóte ou rédea.

— Ainda existem descendentes mestiços ou cruzados do gentio *Charrúa*, nos territorios limitrophes do nosso Estado do Rio Grande do Sul e da Republica Oriental, onde o typo inferior do *gaúcho* do

campo, os peões e a gente do pastorêio, têm traços accentuados da mesliçagem indigena não só com os *Charrúas*, mas também com outras tribus que allí os rodeavam (*Mitúdnos, Yáros, Arachánes, Tápes, Guenóas, Plnarés, Guaycanãns*), não se falando na massa de povos Guaranys da região. Costumes, índole, tradições, defeitos, temperamento, reflectem nas gentes de condição inferior os antepassados ou ancestraes nativos.

— Os Indios *Charrúas* outrora povoaram, em parte, as planícies confinantes ao Rio da Prata (territorios argentino e uruguayo), extendendo seo domínio pela "campánha" do Rio Grande do Sul, até á Lagôa dos Patos.

Os americanistas e ethnógraphos modernos os filiam ao grupo racial dos *Guaycurús* do Paraguay, com os quaes o gentio *Charrúa* teria tido frequente contacto através de migrações pelo Baixo-Paraná, de maneira a terem ligação pelo sangue, idioma e costumes com o povo *Guaycurú*.

Quando os territorios do estuario platino e da antiga "Capitania de São Pedro do Sul" (Rio Grande) começaram a ser povoados e colonizados por elementos europeus luso-castelhanos, já a bellicosa e irreductivel tribu *Charrúa* allí dominava, tendo sempre se conservado hostil aos brancos invasores, hem como á civilização christan das Missões Jesuiticas do Sul, nessas terras limitrophes do Estado Oriental e do Rio Grande, na bacia do Uruguay e Pámpas adjacentes.

No tempo de sua maior pujança (escreve o Padre C. Teschauer, vide pags. 16 a 18 do seo opusculo — "Habitantes primitivos do Rio Grande do Sul", publicado em 1911), extendia-se esta bellicosa tribu desde o rio Paraná até ao litoral do Atlantico; ao depois, dominava só o terreno entre a Lagôa-Mirim e os rios Uruguay e Paraná. Comtudo, conservava sua bravura, valendo-lhe a conhecida bizzaria não ter sido subjugada por quem quer que fôsse. Aparecem a primeira vez na historia ao lado do celebre descobridor do Rio da Prata (o andaluz Juan Diaz de Solis), a quem prepararam seo tragico fim, em 1516. Parece que na epoca da conquista (começos do seculo XVI), não contavam mais de dois mil individuos, entre homens e mulheres; mas o valor indómito, o orgulho e altivez, o amor á independencia lhes grangeavam entre os inimigos uma reputação superior á que a força numerica lhes poderia conferir.

— Como acima o dissemos, ao se dar o descobrimento do Brasil, os *Charrúas* localizados na extrema parte meridional do territorio gaúcho, allí viviam cercados de tribus *Tupi-Guaranis*, como os

Carifós (do litoral para a Lagôa dos Patos e na depois chamada Região das Missões); os *Tápes* ou *Tapés* (do litoral rio-grandense e Serra do seo nome, no valle do Alto-Taquary); os *Minuanos* ou *Mitnuhanos* (no Quarahy e ainda espalhados pelas planícies até ás cercanias de Montevideo); os *Plnarés* (no Sul do Alto Uruguay); os *Guaycanãns* (nos Campos de Vacacahy); os *Arachánes* e os *Pátos* (nas margens da grande Lagôa deste ultimo nome, onde eram indios pescadores); os *Guenóas* (na região de Bagé e do Acguá, separados dos *Charrúas* pela caudal do Rio Negro); os *Gualachos* (no Iguassu); e mais para o Norte os *Guaranys* (a Oeste, margens do rio Uruguay); os *Caaguás* (a Leste, no Cahy e para as costas do Atlantico); e os *Guanãnas* (nos Campos da Vaccaria); etc.

* * *

Dentre os nossos ethnógraphos, lembremos que Rodolpho Garcia inclúe os *Charrúas* entre os povos *Guaycurús*, e um autor de recentissimo trabalho (Estevam Pinto, á pag. 141 do livro editado em 1934 — "Os Indigenas do Nordeste") faz do gentio *Charrúa* um pequeno grupo ethnographico de composição racial definida, na massa indigena dos povos selvagens que habitaram a região do extremo Sul do Brasil, dando a esse grupo *Charrúa* um *habitat* de larga faixa territorial, antigamente entre o rio Paraná e a Costa Atlantica, levando as suas correrias e dominação desde as immedições da Lagôa dos Patos, valle do Rio Negro, até á chamada "Banda Oriental" ou margem esquerda do estuario platino.

No Mappa colorido da distribuição dos Indigenas do Brasil, organizado pelo Museu Nacional (e reproduzido entre pags. 36 e 37 do livro "O Indio Brasileiro", de Ag. Macedo e Ed. Vasconcellos, edição de 1935), o pequeno grupo ethno-linguistico do gentio *Charrúa* vem assignalado na região sulina brasileira e tendo contactos para o Norte com os grupos ethno-linguisticos dos *Guaycurús*, *Tupis* e *Gês*, que na parte septentrional vedavam o territorio até onde dominaram os *Charrúas*.

Moreira Pinto ("Dic. Geogr. do Brasil", vol. 1, pag. 535, edição de 1894) apenas se occupou dos *Charrúas* nestas duas linhas: "eram cruéis e muito guerreiros" e "obrigados a recolher-se para o interior, acham-se hoje quasi extinctos".

— O Dr. Julio de Moura (pag. 291 do seo erudito livro — "Do Homem Americano", edição de 1889) dá os *Charrúas* como o 3.º dos povos indigenas sul-americanos do ramo *Pampeano*, segundo D'Orbigny, e delles escreve: "*Charrúas* — divididos em *Minuanos*,

Ydros, Bohdnos, Chdnos, etc., e espalhados desde a Lagôa dos Patos até á confluência do rio Uruguay no Prata e do Oceano á margem oriental do rio Paraná. "Presentemente, acham-se reduzidos a pequenas hordas já muito cruzadas, errantes nas fronteiras orientaes do territorio das Missões. Suas formas eram cheias e vigorosas; a face larga, os olhos pequenos, os labios muito espessos e a physionomia dura e sombria", "apresentando os *Charrúas* uma côr pardo-azeitoadada, ligeiramente mais acentuada (pag. 392) que os demais indios *Pampednos*".

Ainda observa Julio de Moura (op. cit., pags. 292 e 293) que os *Charrúas* "permanecem n'uma localidade até que se extingam a caça e as pastagens de que carecem para o sustento dos animaes; levantam, então, os seus singellos acampamentos, e as mulheres os levam nas costas a paragens mais favoraveis. Detestam a péscia e jamais siquer imaginaram a construcção da mais simples jangada para a travessia dos rios".

"As suas armas são o arco, as flechas munidas de um pequeno dardo de pedra, a funda e, principalmente, as formidaveis bólas (de atirar com laços). Os *Charrúas* abominam o ouro, que consideram portador de desgraças, e, por excepção, não admittem nem dansas, nem cantorias, tal é a ferocidade do seu genio (como observou Azara). A tatuagem é nelles de uso geral e a chegada da puberdade é assignalada, além de outras superstições, pelo sacrificio de cavallos".

"A carne é a alimentação quasi que exclusiva, e não hesitam em devorala crúa, si ha falta de combustivel (dil-o Waitz, *Anthropologie des Naturvölker*, vol. III, pags. 488 e 499). Nos combates (como o fazem os demais povos indigenas *Pampednos*), os prisioneiros masculinos são immolados e as mulheres conservadas, afim de servirem de concubinas. A polygamia é permittida a ambos os sexos e antes da união conjugal tolera-se nas mulheres a mais ampla liberdade de costumes. Não comprehendem a noção de propriedade, e o ladrão, quando habil e destemido, passa por dotado de altas qualidades. Liberdade plena de acção, apenas subordinando-se, durante as batalhas, a capitães ou chefes sahidos dentre os mais valentes e corajosos e que nada mais são que conselheiros. O uso da rêde lhes é desconhecido; as mulheres fabricam grosseiros tecidos de lã, cordas das fibras das broméllias sylvestres e tôscas vasilhas de barro. Nenhuma divindade tem sido attribuida aos *Charrúas* e na cit. obra de Don Felix de Azara (vol. II, 14, 35) este escriptor lhes nega o conceito de qualquer idea religiosa. Por morte de um parente proximo, as mulheres decepam uma das phalanges dos dedos, começando pelo minimo, e talham o

corpo todo com as armas do defunto; os homens traspassam a carne dos braços com cavilhas de junco ou taquara e se entregam a penosos jejuns".

Esta perfeita synthese feita, em 1889, no admiravel estudo ethnologico do Dr. Julio de Moura, foi quasi que repetida pelo Padre C. Teschauer, em 1911, no interessante capitulo que consagrou aos *Charrúas*, no opusculo já d'antes citado (*separata* de anterior publicação no "Almanack do Rio Grande do Sul" para o anno de 1911).

— Traduzimos de "The Century Dictionary and Cyclopaedia" (vol. IX, *Proper Names*, pag. 238): "*Charrúas*: é o nome usualmente dado a uma numerosa raça de Indios que, no seculo 16.º, occupavam a região em ambas as margens do rio Uruguay, attingindo o curso do Paraná e a costa meridional atlantica. Os *Bohános, Minuános, Yáros e Guenóas* eram sub-tribus; mas todos esses nomes são algumas vezes applicados a todo o grupo dos *Charrúas*, que constituíam uma raça parda aparentemente alliada ás tribus do Chaco. Foram valentes caçadores e saltadores, muito selvagens e traiçoeiros, e moveram uma guerra incessante aos Hespanhóes. Solis, o descobridor do Rio da Prata, foi morto por elles. Luctavam principalmente com as bólas e com resistentes laços; e mais tarde se tornaram déstros cavalleiros. No anno de 1750, foram parcialmente subjugados e internados em Aldéas. Os modernos *Gauchos* do Uruguay têm muito sangue *Charrúa* e uma parte da raça deste gentio permanece ainda em estado mais ou menos puro de méscia. São muito empregados como soldados e pastores".

★ ★ ★

— Conhecidos por um nome que não é *Tupí*, mas provavelmente derivado das linguas primitivas sul-americanas de origem *Pampeana* (talvez nome *guaicurú*, talvez *puélche*), os bravios *Charrúas* foram assignalados em pequenas hordas, até nas margens paranáenses do Iguassu', donde saltaram para distantes terras do Brasil Central e chegaram mesmo a ser identificados em Matto Grosso (margens do rio Paraguay) e ainda em terras do valle do Aráguaya, em Goyaz, sob o nome de *Charruáns* e *Charruécas*, de mistura ou cruzamento com tribus *guaicurús e tapuyas*.

Seguindo tambem o conceito de abalisados americanistas, escreve Teschauer (op. cit.) que os *Charrúas* falavam uma lingua algo differente da dos seus vizinhos *Guenóas* e mais approximada do idioma *Puélche* (povo indigena ligado ao sangue Aráucânico e que habitava a região occidental dos Pampas argentinos, como é sabido).

É esta a descrição que faz, Teschauer (op. cit., pag. 16), do typo physico desses índios gaúchos: "Eram os *Charrúas* de côr morena tirante a negro, bom formados de corpo, vigorosos, ageis, de estatura elevada. Tinham os olhos fundos e horizontaes, negros e brilhantes, sombreados por palpebras entreabertas, os dentes claros e fortes. O cabello preto e basto usavam mui comprido, atado nos homens, sôltos nas mulheres. Como insignia do sexo forte traziam aquelles um páuzinho no labio inferior, que a mãe tinha o cuidado de perfurar logo ao recém-nascido. Eram astutos e avisados, mas homens faltos de palavra. Segundo chronicistas antigos, não sacrificavam christão algum aos horrores da anthropophagia, mas os modernos não os absolvem. Depois de introduzido o cavallo na America, não eram andarilhos como antes, mas se tornaram bons cavalleiros. A's suas bólas certeiras, arma formidavel contra o inimigo, não escapava caça do campo.

Como verdadeiros nómades tinham habitações portateis, formadas de quatro páus e umas léves esteiras, que collocavam no chão onde a noite os surprehedia — "hoje aqui, amanhã lá, sempre errantes e sempre na sua patria" (como o diz Lozano). As razões que para isso allegavam eram que não tinham a paciencia de sempre estarem debaixo do mesmo céu, no mesmo sitio, e sentiam a necessidade de mudança para experimentarem climas diversos. A escassez de caça e a inimizade dos hespanhóes seriam outras tantas causas para esse nomadismo. Chegando a faltar-lhes a rêde, servia-lhes de leito o duro sólo ou um couro de veado. Cobriam-se contra a inclemencia do clima com couros de veado curtidos com a gordura de peixe. Os primeiros colonos, quando lhes cahiram rôtos os vestuarios, sem a esperança de poderem renovar-os, tiveram de imitar-lhes o exemplo.

Em tempo de paz não sahiam de noite. Gastavam noites inteiras no jôgo de cartas. Tão entregues a este vicio, que assaltavam passageiros para obterem baralhos; e os viajantes que queriam subir alrosamente de taes encontros com os *Charrúas*, vinham providos desse artigo tão cubigado pelos ditos Índios. Pouco communicativos, não conheciam danças, nem festas, nem cantos, nem instrumentos musicaes. Facilmente moviam guerra aos vizinhos, particularmente aos *Yáros*, tão barbaros como elles, e aos *Arachánes*.

Ao emprehenderem uma expedição bellica, reuniam-se de noite os chefes de familia, para designarem os póstos a occupar e regularem os serviços das sentinellas (os que iam "bombear" ou espreitar o campo adverso). Estes "vigias" eram envidados a grandes distancias para indagarem a força e posição do inimigo. No ataque,

que começavam com um terrivel grito de guerra, contentavam-se com uma só victoria, sem aproveitall-a; deixando desta forma ao adversario tempo de recobrar forças e de ousar nova aggressão.

Além das flechas e arco, usavam tambem na guerra de uma especie de funda de pedra (que o historiador Techo affirma serem apenas usadas pelos *Charrúas* e *Guaicurús*) e de umas bólas tambem de pedra ou de madeira rija, que eram peritos em arremessar por meio de laços de couro, acertando sempre na victima alvejada esses terriveis projectis. Ambas as armas (fundas e bólas de pedra) não se encontram em outra parte do Brasil; emquanto abundam nos campos riograndenses, onde os *Charrúas* pelejaram durante seculos.

Ao inimigo vencido escarpelavam ou tiravam a pelle da cabeça (o couro cabelludo), para ser guardada como trophéo perpetuo (segundo um uso tradicional em varios povos selvagens do Novo Mundo, e principalmente entre as tribus "Pelles-Vermelhas" da America do Norte); e, não contentes com o escálpo do inimigo, ainda marcavam o numero dos mortos por outras tantas cutiladas ou golpes feitos no proprio corpo do guerreiro vencedor.

— Por muitos annos foram inimigos jurados das "Reducções" *Guaranis* (dirigidas pelos Missionarios Jesuitas), as quaes soffreram dos bellicosos *Charrúas* diversos e continuos assaltos, como os de Yapeju' e Cruz (Curuçá). Depois de pacificados ou parcialmente subjugados (em 1750), vieram os *Charrúas* algumas vezes ás Aldeias dos Sete Povos das Missões, para ahi adquirirem fructos, tabaco e hervamate, a troco de cavallos que levavam. Mas, nada queriam saber da religião e da ordem em que viviam os *Guaranis* aldeados; e dessas visitas dos *Charrúas* ás "Reducções" provinham algumas fugas de Índios já "reduzidos", que (segundo Lozano o affirma) preferiam acompanhar os visitantes e irem com elles viver sem freio e entregues á inteira licenciosidade nas terras daquelle gentio.

Cada vez que algum dos seus parentes morria, os *Charrúas* iam cortando uma articulação dos proprios dedos, de sorte que esse sacrificio cruento, após muitas mortes de parentes, lhes custava ficarem mutilados dos pés e das mãos e sem desses orgãos poderem fazer uso.

Enterravam os mortos em um cerro, fazendo uma pequena excavação em que coubessem tambem, junto ao cadaver, as armas do fallecido.

Levavam os ossos dos parentes defuntos para onde se mudavam. Tal é o resumo do estudo de C. Teschauer, em 1911, e, como se

vê, uma quasi reprodução do que já escrevera o médico mineiro dr. Julio de Moura, em 1889 (these citada — "Do Homem Americano").

E assim mantendo fidelidade aos seus costumes e tradições puderam se conservar os ultimos Indios *Charrúas* puros até os primeiros decennios do seculo XIX, quando do territorio gaúcho, na extrema do Sul do Brasil, foram elles desaparecendo, de todo, entre os annos de 1816 a 1826.

(Da 3.ª edição do livro — "Os Indios do Brasil", pelo Prof. Nelson de Senna)

Traços de ethnologia brasileira sobre a onomástica indigena

(Origens indígenas ou procedencia brasilico-americana de alguns nomes proprios masculinos e appellidos de familia, usados em nosso paiz)

Pelas columnas de uma primorosa revista carioca (a *Illustração Brasileira*, em seu n. de Maio de 1935) demos a lista dos nossos mais conhecidos "nomes femininos indigenas" (*Açocé, Ajurim, Aracé, Aracy e Aracyra, Bacáia, Bartyra, Bogarina, Bogary, Botyra, Cajubim, Cajuby, Caobim, Cauby, Cecem, Cecy, Ceêma, Ceucy, Coaraciaba, Coema, Coaracy e Coracy, Cunháia, Cunháporanga, Cunhatim, Cunháya, Eçáobim, Graciêma ou Guiraciêma, Guaraciaba, Guaracy, Ibotyra, Ipoméa, Iracé e Irucema, Iracy e Iracyra, Iraé, Iramáia e Iramália, Irapoãma, Irecê, Jacy e Jacyra, Janda e Jandáia, Jandaira, Jandira, Jandúia, Jandyra, Jupira e Jupyra, Juracy, Jurandyra, Juréma, Jurily, Jurúia, Jurubim e Jurubina, Jurucé, Jururé, Juruly, Kauty, Kenguará, Kinha, Kunhábatim, Kunháia, Kunháporanga, Kunhaty, Lindóya, Myrina, Moêma, Paraguassú, Pirina, Piru'na, Pócahontas, Poranga, Potyra, Pyrina, Quenguará, Quynha ou "Quinha", Rólemán, Saóbin, Saúna, Sauby, Térébé, Yára*), com os seus respectivos significados e interpretações. Vamos hoje completar a lista, enfileirando aqui os principaes "nomes masculinos indigenas", mais frequentemente usados no Brasil: *Aimberé, Aimbiré, Airy, Ajuricaba, Amánajós, Ambaré, Apigáua, Araribóia, Arakén, Ararigybóia ou Ararygibóia, Ary, Atabalipa, Atahualpa, Ataliba, Aymoré, Bacáia, Cauby, Cocãmo, Guaraciaba, Guaracy, Gualimozim, Huáscar, Irapuã, Irecê, Itagiba ou Itagyba, Jacaúna, Jacy, Jaguanharão ou Jaguanháro, Joahyma, Jucá, Jupyacára, Juquyra, Juracy, Jurúna, Jurupy, Mínuano, Moacyr, Montezuma, Pery, Piratinino, Pojucán, Pokrãne, Poly, Polyguára, Tibireçá ou Tibiricá, Ubayára, Ubitajára, etc...*

Vejamos, pois, as origens e significados de alguns desses "nomes de gentio", usados por tantos meninos, moços e homens brasileiros, que, assim adoptando-os, na pia baptismal, ou no registro